

Pelourinho de Setubal

Na *Alvorada* (de Setubal) de 1 de Dezembro de 1919 publica-se um vibrante artigo de indignação contra o desprêzo a que está votado o pelourinho de Setubal, e pedem-se nele providências a quem compete tomá-las. O *Archeologo* faz suas as palavras patrióticas do jornal setubalense.

Pedra que bole

«Valpaços, 1. — Hoje foi destruída por pedreiros a «Pedra que bole», desta villa. Era uma pedra balouçante de 7 metros de comprimento, 4^m,6 de largura e 3^m,15 de altura. Curiosidade única desta Vila, era visitada por quantos aqui passavam. A «Pedra que bole» estava vulgarizada em bilhetes postais e dela vem um desenho nas *Religiões da Lusitania*, vol. 1, p. 400, do Dr. J. Leite de Vasconcellos. Não houve nada que justificasse tam bárbaro vandalismo! — (C. L.)».

(Do *Comércio do Porto*, 1919).

Duas campas lusitano-romanas de Caparide (Cascais)

O Dr. Vergílio Correia, em 1913 e 1914, quando Conservador do Museu Etnológico — segundo consta do «Livro das Entradas» — obteve em Caparide (povoação da freguesia de S. Domingos de Rana, concelho de Cascais), duas lápides arciformes, com legendas latinas que até hoje se conservaram inéditas, se é que não foram já publicadas pelo Doct. Lothar Wickert, consumado epigrafista alemão, que, em 1931, esteve em Belém, no mesmo Museu, fazendo colheita de elementos para o novo Suplemento ao volume II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, monumental colectânea de inscrições do orbe romano¹.

¹ Leia-se, no *Diário de Notícias*, de sexta-feira, 1 de Maio de 1931, na primeira página, sétima coluna, o artigo, firmado por J. Leite de Vasconcelos, *Antiguidades Nacionais*, em que notifica a estada entre nós do Doutor Lothar Wickert, *Privatdozent* da Universidade de Berlim.

Nessa ocasião, o meu chorado Mestre Sr. Doutor Leite de Vasconcelos escrevia-me, em bilhete postal, datado de «Lx.^a Do-

São dois baús maciços, de mármore, em um de cujos tôpos o quadratário insculpira senhas¹ inscrições funerárias, isto é, o canteiro gravara em cada uma daquelas pedras um epitáfio. Estas lápides apresentam-se muito danificadas: a uma faltam-lhe pedaços com letras; outra tem o lètreiro de tal modo gasto, que só muito difficilmente se lhe enxergam algumas letras; em ambas, a faixa que, primitivamente, lhe corria, no sentido longitudinal, de um lado e outro da base, e que dá mais graça e leveza à architectura de tais monumentos, acha-se destruída em grande parte.

A arca adquirida em 1913, que recebeu o número de entrada 5:017, ostenta a seguinte epigrafe, incompleta:

I·G·F·A·M·O
H·S·E·Q·—
ONIVS·AVITVS
ET·LEG·XX·II·D
F

Leitura da inscrição:

[*Iulia* vel *Iunia*?] *G(ati) f(ilia) Amo[ena] h(ic) s(ita) e(est).*
Q(uintus) A(ntonius? vel Apronius?) [ve]t(eranus) leg(ionis) XXII
P(rimigeniae) vel P(iae) [F(idelis)], f(aciendum) [curavit].

mingo à noite», e com o carimbo do correio «8-5-31»: «O epigrafista alemão está cá há muito, como verá no D. de N. Se o quer conhecer, ele vai ao Museu todos os dias, e pode falar-lhe em mim. Eu vou lá amanhã, e depois irei outro dia da semana, não sei porém qual».

Dias depois, como eu não apparecesse no Museu — onde não estava ainda colocada, pois frequentava a Faculdade de Letras de Lisboa — o saudoso Mestre e Amigo envia-me novo postal, escrito de mão alheia, mas assinado por seu punho, e com a data de «19-v-931», em que me dizia: «O epigrafista já tem tudo copiado, ou quasi tudo. Agora só volta ao Museu 4.^a e 5.^a desta semana, e talvez 6.^a Eu é provável ou certo que lá vá 5.^a».

Na quinta-feira indicada, que era 21 de Maio, compareci no Museu; e foi o próprio Sr. Doutor Leite de Vasconcelos que me fez o favor de me apresentar ao dito epigrafista alemão.

¹ A Doutora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos aconselha-nos a reviver este termo, arcaico hoje, mas antigamente muito empregado: «*Senhos*, por *senhos*, representa *singulos*. Esse usadissimo adjectivo distributivo (*um a cada um*) deveria ser reintegrado na linguagem moderna». (Nota 14 á *Carta de Pero Vaz de Caminha*, in «*História da Colonização Portuguesa do Brasil*», vol. II, Porto, MCMXXIII, p. 88).

Tradução:

Julia? ou Junia? Amena, filha de Gaio, jaz aqui sepultada. Quinto António? ou Aprónio? Avito, veterano da legião XXII Primigenia ou Pia Fidelis, mandou fazer êste monumento.

1.^a linha:

Na inscrição falta já o *nomen gentilicium*, nome comum da *gens* da falecida¹. Poderia, talvez, ser IVLIA ou IVNIA, assim por serem êsses nomes vulgares na epigrafia latina, como por o número de letras, de que se compõe qualquer dêles, vir preencher o espaço vazio, por fractura da pedra.

As mulheres em geral não usavam *praenomen*, nome individual².

G.F: *Gaii filia*: «filha de Gaio». As siglas da filiação denotam que a defunta era ingênua, isto é, de condição livre³.

AMO[ENA], *cognomen* romano — que se completava na linha seguinte — significa «alegre», «encantadora». É palavra cognata de *amoenitas*. Há também o *cognomen* AMOENVS, da mesma origem⁴. O cognome serve para distinguir os diversos ramos da mesma *gens*, e ainda as sub-divisões de um mesmo ramo⁵.

2.^a linha:

H.S.E., cláusula desdobrável em: *hic sita vel sepulta est*, «jaz aqui sepultada»⁶.

Q: abreviatura do *praenomen* QVINTVS.

3.^a linha:

Para completar o *nomen gentile*, cuja parte final, bem legível, é constituída por ...ONIVS, poderíamos pensar em ANTONIVS, APRONIVS, MOELONIVS, POMPONIVS, SEMPRONIVS, VICONIVS, que todos êsses *nomina gentilicia* figuram no volume II

¹ René Cagnat, *Cours d'Epigraphie Latine*, Paris, 1890, p. 50.

² Idem, *Ibidem*, p. 43.

³ Idem, *Ibidem*, p. 53.

⁴ *Totius Latinitatis Onomasticon*, opera et studio Doct. Vicentii De-Vit lucubratum, Prati, ann. MDCCCLIX—MDCCCLXVII.

⁵ René Cagnat, *Cours d'Epigraphie Latine*, Paris, 1890, p. 53.

⁶ Idem, *Ibidem*, p. 388.

do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, contendo as inscrições da *Hispania Romana*. Como, porém, no final da linha anterior há vestígios do traço horizontal da letra A, parece que êsse *nomen* seria ANTONIVS ou APRONIVS.

AVITVS, *cognomen* romano, freqüente no onomástico latino, e derivado ou do substântivo AVVS ou do adjectivo AVITVS¹.

4.^a linha:

..T, que restituímos assim: VET, abreviatura de VETERANVS, título honorífico do militar licenciado que acabara, honrosamente, o seu tempo de serviço, *honesto missio* — tempo que variava consoante o corpo de tropas a que êle pertencesse — ou ainda por distinção, como recompensa por feitos excepcionais, antes de findar o prazo legal, *exauctoratio*². Com o recenseamento os veteranos recebiam um prémio pecuniário e, às vezes, eram colocados em colónias militares, ou nas fronteiras do Império onde se lhes doavam terras³; além disso, eram-lhes outorgados certos privilégios, tais como a isenção dos impostos directos, *munera civilia et honores, munera personalia*⁴, e, por *diploma*, eram-lhes concedidos: a *civitas*, título de cidadania romana para si e para a mulher — regalia muito importante antes de Caracala (211 a 217) haver dado o *ius civitatis* a todos os habitantes do Império Romano⁵ — e o *conubium*⁶, porque, juridicamente, o militar no serviço activo, não podendo contrair as *iustae nuptiae*, sua mulher era concubina e seus filhos ilegítimos, *spuri*⁷.

¹ *Totius Latinitatis Onomasticon* opera et studio Doct. Vicentii De-Vit lucubratum, Prati, MDCCCLIX — MDCCCLXVII.

² R. Cagnat, *Missio*, in «Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines», por Ch. Daremberg, Edm. Saglio et Edm. Pottier, Paris, 1904.

³ J. B. Mispoulet, *Veteranus*, in «Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines», por Ch. Daremberg, Edm. Saglio et Edm. Pottier, Paris, 1914.

⁴ Código Teodosiano, *De Veteranis*, liber VIII, titulus xx.

⁵ G. Humbert, *Civitas*, in «Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines», por Ch. Daremberg, Edm. Saglio et Edm. Pottier, Paris, 1887.

⁶ *Privilegia Militum Veteranorumque — De Civitate et Conubio*, in «Corpus Inscriptionum Latinarum», vol. III, pp. 843 e sgs.

⁷ Joachim Marquardt, *La Vie Privée des Romains*, tomo I, p. 92, nota.

LEG, abreviatura de LEGIONIS, no genitivo requerido pelo contexto. A legião era o mais considerável corpo de tropas do exército romano. No tempo de César, o efectivo normal das legiões constava de 6:000 homens. Toda a legião tinha uma ou mais insígnias, geralmente animais (*aquila, leo, taurus, capra*, etc.), que a caracterizava. Era-lhe aposto um número que a distinguia e lhe era própria (*Legio I, Legio II*, etc.) que variava segundo as épocas e a importância das guerras, podendo receber um número diferente do que tivera na campanha anterior. Era-lhe dado também um ou mais sobrenomes em que, às vezes, entravam como radical: o nome das províncias onde as legiões combateram ou se recrutaram (*Macedonica, Gallica, Cyrenaica, Hispana*, etc.); o nome do Imperator que as criou (*Augusta, Claudia, Ulpia, Trajana*, etc.); o nome de divindades (*Apollinaris, Minervia*, etc.); o nome do soberano reinante (*Antoniniana, Severiana, Alexandriana*, etc.), que nos ministra elementos cronológicos muito úteis; os epítetos ganhos em recompensa da sua dedicação ao Imperator (*Pia, Fidelis, Constans, Firma, Victrix*, etc.); e nomes tirados de particularidades relativas à sua formação (*Adiutrix, Primigenia*, isto é, obtida por meio de desdobramento — chamando-se Primigenia a antiga legião — e *Gemella*, que quer dizer, obtida por via de fusão)¹.

No final desta linha, o número da legião acha-se mutilado por quebradura da lápide, suscitando dúvidas se estaremos em presença de XXIII ou XXIIII. Mas examinando a inscrição de noite, à luz fraca e artificial, nota-se, bem junto à aresta onde a lápide está quebrada, um minúsculo ponto separativo que nos indica ser o numeral XXII, e o restante a parte superior da letra P, abreviatura ou de PRIMIGENIAE ou de PIAE, genitivos a concordar com LEGIONIS. Como a seguir, no espaço que falta, caberia ainda outra letra que poderia ser R, segunda de PRIMIGENIAE — vocábulo que se abrevia em P, PR, PRI, PRIM, PRIMIG — ou poderia ser a letra F, inicial de FIDELIS; sem excluirmos, porém, a hipótese de lá se ter insculpido P·P·F: *P(rimigeniae) P(iae) F(idelis)*.

No volume II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, que, já dissemos, contém as inscrições da *Hispania Romana*, registam-se alguns componentes da Legião XXII, mencionados em monumentos

¹ R. Cagnat, *Exercitus e Legio*, in «Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines», por Ch. Daremberg, Edm. Saglio et Edm. Pottier, Paris, 1892 e 1904.

epigráficos da *Tarraconensis*, a saber: *tribunus militum legiones XXII* (4239), *legatus legionis XXII primigeniae* (4121), *centurio legionis XXII primigeniae* (4162), *hastatus legionis XXII primigeniae* (4146), todas em *Tarraco* (Tarragona); e *tribunus militum legionis XXII Primigeniae Pia Fidelis* (3237), em *Mentesa Oretanorum* (Alhambra de Castilla).

Parece — diz o *Onomasticon*, de De-Vit — que a legião XXII Primigenia existia já no tempo de Augusto¹. Julgam, porém, alguns, como por exemplo René Cagnat, apoiado em Tácito, que ela foi criada pelo Imperador Cláudio I (41-54), por desdobramento da legião XXII Deiotariana, e enviada para a *Germania Superior*, com fundamento de substituir outra legião que ia ocupar a *Britannia*, submetida havia pouco².

Tem por insígnia o Capricórnio e deve o sobrenome de *Pia Fidelis* à fidelidade de que deu provas por ocasião da revolta de Antonino Saturnino, no ano de 89.

No reinado de Nero (52-68) tinha o acampamento em *Moguntiacum* (Mogúncia da Idade-Média, e Mainz de hoje).

Não quis esta legião, no ano de 69, prestar juramento a Galba, mas sim ao senado e ao povo romano, e aclamou imperador a Vitélio. Então metade do seu efectivo partiu para Itália, e, combatendo em Cremona contra os Flavianos, compartilhou do desastre das tropas de Vitélio.

Supõe-se que tomou parte na guerra dácica, feita por Trajano (97-117), e que regressou pouco depois ao acampamento, onde permaneceu até o fim do Império.

Na época de Adriano (117-138), a referida legião mandou um destacamento para a *Britannia*, que deixou vestígios da sua estada em *Ambloglanna*, no *vallum* do mesmo Imperador.

Quando Gordiano III (238-244), licenciou a legião III Augusta, uma parte da Legião XXII *Primigenia Pia Fidelis* foi enviada para África. Em inscrições da *Maurietania Caesariensis* aparece, com efeito, mais de um militar pertencente a esta última legião: *miles legionis primigeniae piae fidelis*³.

¹ *Totius Latinitatis Onomasticon opera et studio Doct. Vicentii. De-Vit lucubratum*, Prati, MDCCCLXXXVII, s. v. *Legio*.

² René Cagnat, *Legio*, in «Dictionaire des Antiquités Grecques et Romaines», par Ch. Daremberg, Edm. Saglio et Edm. Pottier, Paris, 1904.

³ *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. VIII.

Além de *Pia Fidelis*, foram-lhe outorgados ainda os títulos de *Antoniniana* e *Alexandriana*¹.

Nas moedas legionárias de Marco António, de Severo e de Galieno nomeia-se a legião XXII².

*

O outro monumento, o que foi obtido em 1914, teve o número de entrada 5:229: nêle mal se divisam as seguintes letras:

V A L G I A · L
S A B I N A · A
X I S

Leitura da inscrição:

Valgia, L(ucii) [f(ilia)], Sabina, a[nn](orum)...XI... [h(ic)] s(ita) [e(st)].

Tradução:

Valgia Sabina, filha de Lúcio, falecida com onze ou mais anos de idade, jaz aqui sepultada.

1.^a linha:

VALGIA lê o Sr. Prof. Scarlat Lambrino. Este *nomen* VALGIA é pouco vulgar, não aparece nos índices onomásticos do volume II do *Corpus Inscriptionum Latinorum*; está, porém, representado nas *Tabulae Ligurum Baebianorum*, de Benevento, Itália³.

L(VCIVS), *praenomen* romano que, parece, foi imposto no princípio a quem nascia com o romper do dia: *Praenomen Romanum, quod initio inditum videtur ei, qui prima luce natus est, ut ait Varr.*⁴

ROSA CAPEANS.

¹ *Totius Latinitatis Onomasticon opera et studio Doct. Vicentii De-Vit lucubratum*, Prati, MDCCCLXXXVII, s. v. *Legio*.

² Josepho Eckhel, *Doctrina Numorum Veterum*, pars II, *De Moneta Romanorum*, volumen VI, Vindobonae, MDCCXCVI, p. 52, e volumen VIII, p. 490.

³ Gustavus Wilmanns, *Exempla Inscriptionum Latinarum*, Barolini, A. MDCCCLXXXIII, n.º 2844.

⁴ *Apud Totius Latinitatis Onomasticon opera et studio Doct. Vicentii De-Vit lucubratum*, Prati, MDCCCLXXXVII.